

Lev Tolstói

SONATA KREUTZER

Sófia Tolstaia

DE QUEM É A CULPA?
CANÇÃO SEM PALAVRAS

Tradução

Irineu Franco Perpetuo

CARAMBAIA

5

Sonata Kreutzer
LEV TOLSTÓI

117

De quem é a culpa?
*A respeito da Sonata
Kreutzer de Lev Tolstói*
SÓFIA TOLSTAIA

261

Canção sem palavras
SÓFIA TOLSTAIA

401

Posfácio a *Sonata Kreutzer*
LEV TOLSTÓI

419

Três relatos marcados pela dor
MÁRIO LUIZ FRUNGILLO

429

Lev e Sófia: o tenso dueto dos Tolstói
IRINEU FRANCO PERPETUO

*Sonata
Kreutzer*

Lev
Tolstói

Eu, porém, vos digo: todo aquele que olhar para uma mulher com o desejo de possuí-la já cometeu adultério com ela no coração.

MATEUS 5: 28

Os discípulos disseram-lhe: Se a situação do homem com a mulher é assim, é melhor não se casar. Ele respondeu: Nem todos são capazes de entender isso, mas só aqueles a quem é concedido. De fato, existem homens incapazes de se casar, porque nasceram assim; outros, porque os homens assim o fizeram; outros ainda, por causa do Reino dos Céus se fizeram incapazes do casamento. Quem puder entender, entenda.

MATEUS 19: 10-12¹

1 *Santo e Divino Evangelho conforme o Rito Bizantino*. São Paulo: Eparquia Greco-Melquita Católica do Brasil, 1997. [TODAS AS NOTAS SÃO DO TRADUTOR, EXCETO QUANDO SINALIZADAS DE MODO DIFERENTE.]

1 { Era começo de primavera. Viajávamos havia dois dias. No vagão, entravam e saíam pessoas que percorriam distâncias curtas, mas três, assim como eu, estavam ali desde que o trem partira: uma dama que não era bela nem jovem, fumante, de cara estafada, casaco meio masculino e gorrinho; um conhecido dela, um homem falante de 40 anos, com pertences novos e arrumados; e ainda um senhor de pequena estatura, que se mantinha à parte, de movimentos bruscos, ainda não velho, mas cabelos visível e prematuramente grisalhos e cacheados, e um brilho raro nos olhos, que corriam com rapidez de um objeto a outro. Trajava um casaco velho de alfaiataria cara, com colarinho de pele de carneiro e chapéu alto de pele de carneiro. Sob o casaco, quando ele o desabotoava, viam-se uma *poddiovka*² e uma camisa russa bordada. A peculiaridade desse senhor consistia ainda em que ele esporadicamente emitia sons estranhos, similares a um pigarro ou uma risada começada e interrompida.

Esse senhor, por todo o tempo da viagem, esquivou-se zelosamente de relacionar-se e travar conhecimento com os passageiros. Ao vizinho falador, respondia curto e grosso, ou lia, ou, olhando pela janela, fumava, ou, tirando uma provisão de seu velho alforje, tomava chá ou petiscava.

Tive a impressão de que ele se incomodava com a própria solidão, e algumas vezes quis começar a falar com ele, mas a cada vez que nossos olhos se encontravam, o que ocorria com frequência, pois estávamos um diante do outro, de viés, ele se virava e se concentrava no livro, ou olhava pela janela.

Na hora da parada, ao anoitecer do segundo dia, esse senhor nervoso saiu à estação atrás de água quente e preparou chá. Já o senhor com os pertences novos e arrumados, um advogado, como fiquei sabendo a seguir, com sua

2 Casaco pregueado na cintura.

vizinha, a dama fumante de casaco meio masculino, foram tomar chá na estação.

Durante a ausência do senhor e da dama do vagão, entraram algumas pessoas novas, dentre as quais um velho alto, barbeado e enrugado, pelo visto um mercador, de peliça de marta e quepe de feltro, com uma aba imensa. O mercador sentou-se na frente do lugar da dama e do advogado e imediatamente entabulou conversa com um jovem, pela aparência um caixeiro, que entrara no vagão também nessa estação.

Eu estava sentado de viés e, como o trem estava parado, nos instantes em que ninguém passava eu podia ouvir fragmentos de sua conversa. O mercador declarou a princípio que estava indo para sua propriedade, que ficava a apenas uma estação de distância; depois, como sempre, se puseram a falar a princípio dos preços, dos negócios; falaram, como sempre, de como estavam os negócios agora em Moscou, depois se puseram a falar da feira de Níjni Nóvgorod. O caixeiro começou a contar da farra que um mercador rico que ambos conheciam fez na feira, mas o velho não o deixou concluir, e se pôs a contar de farras do passado, em Kunávino, das quais ele participara. Pelo visto, orgulhava-se de sua participação nelas, e, com alegria visível, contava como, junto com esse conhecido, bêbados, tinham aprontado em Kunávino uma coisa tal que era preciso contá-la aos sussurros, de modo que o caixeiro gargalhou para todo o vagão, e o velho também se riu, arreganhando dois dentes amarelos.

Não esperando ouvir nada de interessante, levantei-me para passear pela plataforma até a partida do trem. Na porta, encontrei o advogado e a dama no meio de uma conversa animada.

— Não vai dar tempo — disse-me o advogado sociável —, agora é o segundo sinal.

E, de fato, não consegui chegar até o fim dos vagões

antes de soar o segundo sinal. Quando regresssei, a conversa animada entre a dama e o advogado continuava. O velho mercador estava sentado diante deles, olhando para a frente de forma severa e, de vez em quando, ruminando com os dentes, em desaprovação.

— Depois ela declarou direto ao marido — dizia o advogado, rindo, na hora em que passei a seu lado — que não podia nem queria viver com ele, já que...

E continuou a contar algo que não pude discernir. Atrás de mim, passaram outros passageiros, um condutor atravessou, um operário de cooperativa entrou correndo, e fez-se por muito tempo um barulho que impedia de se ouvir a conversa. Quando tudo sossegou e voltei a escutar a voz do advogado, a fala, pelo visto, já passara do caso particular para considerações gerais.

O advogado dizia que a questão do divórcio ocupava agora a opinião pública na Europa e que entre nós surgiam casos semelhantes com frequência cada vez maior. Ao perceber que a única voz que se ouvia era a sua, o advogado interrompeu o discurso e se dirigiu ao velho:

— Antigamente não tinha disso, não é verdade? — disse, sorrindo afável.

O velho quis responder algo, mas nessa hora o trem arrancou, e o velho, tirando o quepe, começou a se benzer e recitar, aos sussurros, uma prece. O advogado, desviando os olhos para o lado, aguardou respeitosamente. Depois de terminar sua prece e o sinal da cruz triplo, o velho enterrou o quepe na cabeça, endireitou-se no lugar e começou a falar.

— Antes também tinha, meu senhor, só que menos — disse. — Nos tempos de hoje, não há como não ter. Pois as pessoas se tornaram demasiado instruídas.

O trem, avançando cada vez mais rápido, troava nas junções, e ficou difícil de ouvir, mas estava interessante, e

então me sentei mais perto. Meu vizinho, o senhor nervoso de olhos brilhantes, pelo visto, também se interessara e, sem se erguer do lugar, aguçava o ouvido.

— Mas o que há de mau na instrução? — disse a dama, sorrindo de forma quase imperceptível. — Por acaso seria melhor se casar como antigamente, quando noivo e noiva nem sequer se viam? — prosseguiu, seguindo o costume de muitas damas de responder, não às palavras de seu interlocutor, mas àquelas que pensava que ele dissera. — Não sabiam se amariam, se podiam amar, casavam com quem calhava, por toda a vida, e se atormentavam; em sua opinião, isso é melhor? — disse, visivelmente dirigindo o discurso a mim e ao advogado, e menos do que todos ao velho com o qual falava.

— Pois se tornaram demasiado instruídas — repetiu o mercador, fitando a dama com desprezo e deixando sua pergunta sem resposta.

— Seria desejável saber como o senhor explica a ligação entre instrução e desacordo no matrimônio — disse o advogado, sorrindo de modo quase imperceptível.

O mercador quis dizer algo, mas a dama interrompeu-o.

— Não, esse tempo já passou — disse. Mas o advogado deteve-a.

— Não, permita a ele que exprima sua ideia.

— A estupidez vem da instrução — disse o velho, resolutamente.

— Casam aqueles que não se amam, e depois se espantam por viverem em desacordo — apressou-se a dizer a dama, olhando para o advogado, para mim e até para o caixeiro, que, tendo se levantado do lugar e apoiado no encosto, auscultava a conversa, sorrindo. — Afinal, só os animais podem ser acasalados como o dono quer, mas as pessoas têm suas inclinações, afetos — ela disse, visivelmente querendo melindrar o mercador.

— Está dizendo isso à toa, senhora — disse o velho —, animal é gado, mas ao homem foi dada a lei.

— Mas como viver com uma pessoa quando não há amor? — a dama continuava apressando-se em manifestar seus juízos que, provavelmente, lhe pareciam muito novos.

— Antes não mexiam com isso — disse o velho, com tom imponente —, só agora é que apareceu. De modo que agora a mulher diz: “Vou abandonar você”. Os mujiques também estão assim, e a mesma moda apareceu. “Aqui estão suas camisas e calças, e eu me vou com Vanka, o cabelo dele é mais cacheado que o seu.” E o que se pode dizer? A primeira coisa que a mulher deve ter é medo.

O caixeiro olhou para o advogado, para a dama e para mim, visivelmente segurando o sorriso e prestes a ridicularizar ou aprovar a fala do mercador, dependendo de como ela fosse recebida.

— Mas que medo? — disse a dama.

— Este: temer seu ma-a-rido! O medo é este.

— Ora, meu caro, esse tempo passou — disse a dama, até com alguma raiva.

— Não, senhora, esse tempo não pode passar. Como Eva, mulher, foi criada a partir da costela do homem, assim permanecerá até o fim dos tempos — disse o velho, sacudindo a cabeça de forma tão severa e triunfante que o caixeiro subitamente decidiu que a vitória estava do lado do mercador, e riu alto.

— São vocês, homens, que raciocinam assim — disse a dama, sem se render e olhando para nós —, concederam liberdade a si próprios e querem manter a mulher em uma torre. A si próprios, decerto, permitem tudo.

— Permissão ninguém dá, mas acontece que o homem em casa não acrescenta nada, e a mulher é um vaso frágil — continuou insistindo o mercador.

O tom insistente do mercador, pelo visto, vencia os

ouvintes, e a dama até sentia-se deprimida, mas ainda não se rendia.

— Sim, mas acho que o senhor concorda que a mulher é um ser humano, e tem sentimentos, assim como o homem. Pois então o que lhe cabe fazer, se não ama o marido?

— Não ama! — repetiu o mercador, ameaçador, movendo do sobrelhas e lábios. — Com certeza amará!

Esse argumento inesperado agradou especialmente ao caixeiro, e ele emitiu um som de aprovação.

— Mas não, não amará — disse a dama —, e, se não há amor, não é possível coagir.

— Bem, e se a mulher trai o marido, e daí? — disse o advogado.

— Isso não se admite — disse o velho —, é preciso ficar atento a isso.

— E quando acontece, e daí? Afinal, ocorre.

— Ocorre com os outros, não com alguém como nós — disse o velho.

Ficaram todos calados. O caixeiro remexeu-se, avançou ainda mais e, visivelmente sem querer ficar para trás dos outros, começou:

— Sim, senhores, também houve um escândalo com um jovem dos nossos. Também é bastante difícil de julgar. Também lhe coube uma mulher que se transviou. E ela foi aprontar. E o rapaz é sério e evoluído. No começo, foi com o contador. Ele também quis convencê-la por bem. Ela não sossegou. Fez todo tipo de sujeira. Começou a roubar o dinheiro dele. E ele bateu nela. E daí, só piorou. Até que ela ficou de namorico, com o perdão da palavra, com um pagão, com um judeu. O que cabia a ele fazer? Abandonou-a por completo. De modo que ele vive como solteiro, e ela na vadiagem.

— Porque ele é um imbecil — disse o velho. — Se ele não a tivesse deixado solta, mas a domasse de verdade,

decerto ela estaria vivendo com ele. No começo, é preciso não dar liberdade. Não confie no cavalo no campo nem na mulher em casa.

Nesse momento, o condutor veio pedir as passagens para a próxima estação. O velho entregou sua passagem.

— Sim, senhor, o sexo feminino deve ser domado de antemão, senão tudo desmorona.

— Ora, mas como o senhor mesmo estava contando agora há pouco como os homens casados se divertem na feira de Kunávino? — eu disse, sem aguentar.

— É um artigo especial — disse o mercador, e mergulhou no silêncio.

Quando soou o apito, o mercador levantou-se, pegou o alforje debaixo do banco, agasalhou-se e, erguendo o quepe, saiu para a plataforma.

2 { Assim que o velho saiu, desencadeou-se uma conversa de várias vozes.
— O papai é do Velho Testamento — disse o caixeiro.
— O *Domostrói*³ vivo — disse a dama. —

Que conceito selvagem da mulher e do casamento!

— Sim, senhora, estamos distantes do ponto de vista europeu do casamento — disse o advogado.

— O principal que essas pessoas não entendem — disse a dama — é que casamento sem amor não é casamento, que só o amor consagra o casamento, e que casamento verdadeiro é só aquele consagrado pelo amor.

O caixeiro ouvia e ria, querendo lembrar o máximo possível da conversa inteligente para utilizá-la depois.

No meio do discurso da dama, atrás de mim ouviu-se um som como que de um riso interrompido ou soluço e, ao olhar, vimos meu vizinho, o senhor grisalho e solitário de olhos brilhantes que, durante a conversa, que visivelmente o interessava, sem ninguém perceber se aproximara de nós. De pé, com as mãos no encosto do assento estava visivelmente muito agitado: seu rosto estava vermelho e o músculo da face tremia.

— Mas que amor é esse... amor... amor... que consagra o casamento? — disse, aos solavancos.

Ao ver o estado de alvoroço do interlocutor, a dama esforçou-se por responder-lhe da forma mais branda e ponderada possível.

— O amor verdadeiro... Existindo esse amor entre homem e mulher, o casamento é possível — disse a dama.

3 Código de costumes que regia a vida privada na Rússia no século XVI e preconizava a plena submissão da mulher ao marido.

— Sim, senhora, mas o que entender como amor verdadeiro? — disse o senhor de olhos brilhantes, sorrindo desajeitado e acanhando-se.

— Todo mundo sabe o que é o amor — disse a dama, visivelmente desejando interromper a conversa com ele.

— Mas eu não sei — disse o senhor. — É preciso definir o que a senhora entende...

— Como? Muito simples — disse a dama, mas ficou pensativa. — O amor? O amor é a preferência exclusiva por um ou uma, acima de todos os demais — disse ela.

— Preferência por quanto tempo? Um mês? Dois dias, meia hora? — proferiu o senhor grisalho, e riu.

— Não, perdão, o senhor, evidentemente, não está falando disso.

— Não, senhora, estou falando da mesma coisa.

— Ela diz — interveio o advogado, apontando para a dama — que o casamento deve decorrer, em primeiro lugar, do afeto, do amor, se quiser, e se isso de fato existe, apenas nesse caso o casamento representa algo, por assim dizer, sagrado. Depois, que todo casamento em cuja base não estejam alicerçados os afetos naturais... o amor, se quiser... não tem nenhuma obrigação moral. Entendi direito? — dirigiu-se à dama.

Com um movimento de cabeça, a dama manifestou aprovação ao esclarecimento de suas ideias.

— Por conseguinte... — o advogado continuou o discurso, mas o senhor nervoso, agora com uma chama ardente nos olhos, visivelmente se continha com dificuldade e, sem deixar o advogado terminar de falar, começou:

— Não, estou falando da mesma coisa, da preferência por um ou uma acima de todos os outros, mas apenas pergunto: preferência por quanto tempo?

— Por quanto tempo? Por muito tempo, às vezes pela vida inteira — disse a dama, dando de ombros.

— Mas isso só acontece nos romances; na vida, nunca. Na vida, essa preferência por um acima dos outros acontece por um ano, o que é muito raro, até por meses, ou semanas, dias, horas — ele disse, evidentemente sabendo que espantava a todos com suas opiniões, e satisfeito com isso.

— Ah, o que está dizendo? Claro que não. Não, permita-me — todos nós três nos pusemos a falar a uma só voz. Até o caixeiro emitiu um som de reprovação.

— Sim, senhores, eu sei — o senhor grisalho gritou mais alto do que nós —, vocês estão falando do que se considera existir, e eu estou falando do que existe. Qualquer homem experimenta o que vocês chamam de amor por qualquer mulher bonita.

— Ah, o que o senhor está dizendo é horrível; não existe entre as pessoas o sentimento que se chama amor, e que dura não por meses e anos, mas para a vida inteira?

— Não, não existe. Até se admitirmos que um homem prefira determinada mulher por toda a vida, a mulher, com todas as probabilidades, prefere um outro, e assim sempre foi e é no mundo — disse ele, pegando uma pequena *papirrosa*⁴ e se pondo a fumar.

— Mas pode existir também a reciprocidade — disse o advogado.

— Não, senhor, não pode — retrucou —, assim como, em uma carga de ervilha, não é possível que dois grãos determinados fiquem lado a lado. Além disso, aí não há só a improbabilidade, aí, provavelmente, há a saciedade. Amar uma mulher ou um homem a vida inteira equivale a dizer que uma vela arderá a vida inteira — disse, inalando com avidez.

— Mas o senhor está sempre falando do amor carnal. Por acaso não admite um amor baseado na unidade de ideais, na afinidade espiritual? — disse a dama.

— Afinidade espiritual! Unidade de ideais! — ele repetiu, emitindo seu som. — Mas, nesse caso, não há por que dormir junto (perdoe pela grosseria). Se não, em consequência de unidade de ideais, as pessoas vão se deitar juntas — disse, e riu nervoso.

— Mas permita-me — disse o advogado —, os fatos contradizem o que o senhor está dizendo. Vemos que existem matrimônios, que toda a humanidade, ou a maioria dela, vive uma vida conjugal, e muitos têm uma vida conjugal prolongada e honrada.

O senhor grisalho voltou a rir.

— Ora vocês dizem que o casamento está baseado no amor, mas, quando eu manifesto dúvida na existência de um amor além do sensual, vocês me provam a existência do amor pela existência dos casamentos. Mas o casamento, em nossa época, é só um engano!

— Não, senhor, permita-me — disse o advogado —, só estou dizendo que casamentos existiram e existem.

— Existem. Mas por que existem? Existiram e existem para aquelas pessoas que veem no casamento algo misterioso, um mistério que é uma obrigação diante de Deus. Para estes, eles existem, mas para nós, não. Entre nós, as pessoas se casam sem ver no casamento nada além da copulação, e resulta ou em engano, ou em violência. Quando é engano, é mais fácil de suportar. Marido e esposa apenas enganam as pessoas como monogâmicos, mas vivem na poliginia e poliandria. É detestável, mas ainda funciona; porém, quando, como ocorre com maior frequência, marido e esposa assumiram a obrigação exterior de viverem juntos a vida inteira, e a partir do segundo mês já odeiam um ao outro, querem se separar e mesmo assim continuam juntos, então resulta naquele inferno terrível, e por causa disso se tornam bêbados, dão tiros, matam e envenenam a si mesmos, ou um ao outro — ele falava cada vez mais rápido, sem deixar

4 Cigarro de boquilha de cartão.

ninguém proferir uma só palavra, e inflamava-se cada vez mais. Todos se calaram. Ficou desconfortável.

— Sim, sem dúvida, ocorrem episódios críticos na vida conjugal — disse o advogado, desejando interromper a conversa indecorosamente acalorada.

— Pelo que vejo, o senhor reconheceu quem eu sou? — disse o senhor grisalho, em voz baixa, parecendo calmo.

— Não, não tenho o prazer.

— O prazer é pequeno. Sou Pózdnychev, com quem ocorreu o episódio crítico ao qual o senhor alude, o episódio em que ele matou a esposa — disse, fitando rapidamente cada um de nós.

Ninguém encontrou o que dizer, e todos ficaram calados.

— Ora, tanto faz — disse, emitindo seu som. — Aliás, desculpem-me! Ah!... Não vou constrangê-los.

— Nada disso, por favor... — disse o advogado, sem saber o que aquele “por favor” significava.

Mas Pózdnychev, sem ouvi-lo, rapidamente se virou e foi para seu lugar. O senhor e a dama cochicharam. Sentei-me ao lado de Pózdnychev e fiquei calado, sem saber o que dizer. Estava escuro para ler, por isso fechei os olhos e fingi querer dormir. Assim fomos, em silêncio, até a estação seguinte.

Na estação, aquele senhor e a dama passaram para outro vagão, algo sobre o que tinham deliberado antes com o condutor. O caixeiro se ajeitou no banco e dormiu. Pózdnychev continuava fumando, e tomou o chá fervido ainda na outra estação.

Quando abri os olhos e fitei-o, ele de repente se dirigiu a mim, com determinação e irritação:

— Talvez lhe seja desagradável sentar-se comigo, sabendo quem eu sou? Então eu saio.

— Oh, não, por favor.

— Ora, não quer? Só que é forte. — Serviu-me chá. — Eles falam... E todos mentem... — ele disse.

— Está falando de quê? — perguntei.

— Sempre da mesma coisa: desse amor deles e do que é.

O senhor não quer dormir?

— Não quero em absoluto.

— Então quer que eu lhe conte como fui levado por esse amor ao que aconteceu comigo?

— Sim, se não for doloroso para o senhor.

— Não, doloroso para mim é calar. Tome o chá. Ou é forte demais?

O chá, de fato, era como uma cerveja, mas tomei todo o copo. Naquele instante passou o condutor. Ele o acompanhou em silêncio, com os olhos raivosos, e só começou quando o outro saiu.

3 { — Bem, então lhe conto... Mas o senhor quer mesmo?
Respondi que queria muito. Ele se calou, esfregou o rosto com as mãos e começou:
— Se for contar, preciso contar tudo desde o começo: preciso contar como e por que me casei, e como eu era antes das bodas.

Antes das bodas, eu vivia como vivem todos, ou seja, em nosso círculo. Sou proprietário de terras, bacharel, e fui decano da nobreza. Vivia antes das bodas como vivem todos, ou seja, de forma depravada, e, como todas as pessoas de nosso círculo, vivendo de forma depravada, estava seguro de que vivia da forma necessária. A meu respeito, achava que eu era agradável, um homem plenamente moral. Eu não era um sedutor, não tinha gostos antinaturais, não fazia disso o principal objetivo de minha vida, como faziam muitos de meus coetâneos, mas me entregava à depravação de maneira moderada e decorosa, pela saúde. Evitava as mulheres às quais poderia me ligar pelo nascimento de uma criança ou afeição por mim. Aliás, pode ser que tenha havido filhos e afeições, mas fiz de conta que não houve. E eu não apenas considerava isso moral, como me orgulhava.

Ele se deteve, emitiu aquele som característico, como fazia sempre que lhe ocorria, pelo visto, uma nova ideia.

— Pois nisso está a principal torpeza — gritou. — Pois a depravação não está em algo físico, pois nenhuma hediondez física é depravação; mas a depravação, a verdadeira depravação está justamente em se libertar de relações morais com a mulher com a qual você entra em contato físico. E essa libertação eu estabeleci como mérito. Lembro-me de como me atormentei certa vez ao não conseguir pagar uma mulher que, provavelmente me amando, se entregou a mim. Só me tranquilizei quando lhe mandei

dinheiro, demonstrando assim que não me considerava moralmente ligado a ela em nada. Não balance a cabeça como se concordasse comigo — gritou para mim, de repente. — Pois eu conheço essa coisa. Todos vocês, e o senhor também, o senhor, na melhor das hipóteses, caso não seja uma rara exceção, o senhor tem os mesmos pontos de vista que eu tive. Ora, tanto faz, o senhor vai me perdoar — prosseguiu —, mas a questão é que isso é horrível, horrível, horrível!

— O que é horrível? — perguntei.

— Esse sorvedouro de erros em que vivemos quanto às mulheres e às relações com elas. Sim, senhor, não posso falar com tranquilidade disso, e não porque me aconteceu aquele episódio, nas palavras daquele senhor, mas porque, desde que me aconteceu esse episódio, meus olhos se abriram, e passei a ver tudo sob uma luz absolutamente diferente. Tudo do avesso, tudo do avesso!...

Ele acendeu a *papirossa* e, com os cotovelos nos joelhos, começou a falar.

Na escuridão, eu não via seu rosto, apenas ouvia, detrás do tinido do vagão, sua voz persuasiva e agradável.

4 { — Sim, senhor, só depois de padecer como padeci, só graças a isso eu entendi onde está a raiz de tudo, entendi o que devia ser, e por isso vi todo o horror que existe.

Assim, tenha a bondade de ver como e quando comecei o que me levou ao meu episódio. Começou quando eu tinha 16 anos incompletos. Começou quando eu ainda estava no ginásio, e meu irmão mais velho era estudante do primeiro ano da faculdade. Eu ainda não conhecera mulher, mas, como todas as crianças infelizes de nosso círculo, já não era um menino ingênuo: já fora pervertido pelos meninos havia dois anos; a mulher, não uma específica, mas a mulher como algo doce, a mulher, qualquer mulher, a nudez da mulher já me atormentava. Minhas solidões eram impuras. Eu me atormentava, como se atormentam 99% de nossos meninos. Eu me horrorizava, sofria, sofria e caía. Já era depravado na imaginação e na realidade, mas o último passo ainda não fora dado por mim. Eu me arruinara sozinho, mas ainda não pusera as mãos em outro ser humano. Mas eis que um camarada de meu irmão, estudante, brincalhão, o assim chamado bom sujeito, ou seja, o maior imprestável, que nos ensinara a beber e jogar cartas, convenceu-nos, após um pileque, a ir para lá. Nós fomos. Meu irmão também era inocente ainda, e caiu na mesma noite. E eu, um menino de 15 anos, profanei a mim mesmo e cometi a profanação de uma mulher, sem entender em absoluto o que estava fazendo. Pois eu nunca ouvira de nenhum dos mais velhos que o que eu fazia era ruim. E mesmo agora ninguém ouve. É verdade que isso está nos mandamentos, mas os mandamentos só são necessários para responder ao exame do padre, e mesmo assim nem tão necessários, longe de serem tanto quanto o mandamento do emprego do *ut* nas orações condicionais.

De modo que, das pessoas mais velhas cuja opinião eu respeitava, não ouvi de ninguém que aquilo fosse ruim. Pelo contrário, ouvi das pessoas que respeitava que aquilo era bom. Ouvi que meus conflitos e sofrimentos se apaziguariam depois daquilo, ouvi isso e li, ouvi dos mais velhos que seria bom para a saúde; já dos camaradas, ouvi que naquilo havia algum mérito, bravura. De modo que, em geral, além do bem, não se via nada. Perigo de doenças? Mas isso, afinal, é previsto. Um governo solícito preocupa-se com isso. Ele acompanha a correção da atividade das casas de tolerância, e garante a depravação dos colegiais. E os médicos acompanham isso, sendo pagos para tanto. Assim tem de ser. Eles asseguram que a depravação é benéfica à saúde, e instituem uma depravação correta, cuidadosa. Conheço mães que se ocupam nesse sentido da saúde dos filhos. E a ciência também os manda às casas de tolerância.

— Por que a ciência? — eu disse.

— E o que são os médicos? Os sacerdotes da ciência. Quem deprava os jovens, assegurando-lhes que aquilo é necessário para a saúde? Eles. E depois, como horrível solenidade, tratam a sífilis.

— Mas por que não tratar a sífilis?

— Porque se 1% dos esforços despendidos no tratamento da sífilis fossem despendidos na erradicação da depravação, não haveria faz é tempo nem sombra de sífilis. Contudo, os esforços não são empregados na erradicação da depravação, mas em seu incentivo, em garantir a segurança da depravação. Bem, mas a questão não é essa. A questão é que comigo, como em 90%, se não mais, e não apenas de nossa classe, mas de todas, até dos camponeses, sucedeu aquela coisa horrível de eu ter caído não por estar sujeito à sedução natural dos encantos de determinada mulher. Não, nenhuma mulher me seduziu, eu caí porque algumas pessoas no meio em que vivo consideravam uma

queda o expediente mais legítimo e benéfico à saúde, enquanto outros a viam como a diversão mais natural e não apenas desculpável, mas até inocente para um jovem. Eu também não entendia que aí houvesse uma queda, simplesmente comecei a me entregar àquilo em parte por prazer, em parte pelas exigências que são próprias, como me foi incutido, de uma certa idade; comecei a me entregar a essa depravação como comecei a beber, fumar. E mesmo assim, nessa primeira queda houve algo de peculiar e tocante. Eu me lembro que, de imediato, lá mesmo, sem sair do quarto, fiquei triste, triste, de modo que tive vontade de chorar, chorar pela ruína de minha inocência, pela ruína eterna de minha relação para com a mulher. Sim, senhor, a relação natural e simples com a mulher estava arruinada para sempre. Desde então, relação pura com uma mulher não houve nem pôde haver. Tornei-me aquilo que chamam de devasso. E um devasso é um estado físico, similar ao estado de morfinomaniaco, bêbado, fumante. Como um morfinomaniaco, bêbado, fumante não é mais uma pessoa normal, o homem que conheceu algumas mulheres para seu prazer não é mais normal, mas um homem estragado para sempre — um devasso. Como é possível reconhecer no mesmo instante, pela cara, um bêbado e um morfinomaniaco, é exatamente assim com o devasso. Um devasso pode se conter, lutar; mas relações simples, claras, fraternais com uma mulher ele nunca poderá ter. Pois, pelo seu jeito de olhar ao examinar uma jovem, imediatamente é possível reconhecer o devasso. E eu me tornei um devasso e fiquei assim, e foi isso que me arruinou.

5 { — Sim, isso mesmo, senhor. Depois aquilo continuou, continuou, houve todo tipo de desvio. Meu Deus! Quando recordo todas as minhas torpezas com relação a isso, o horror me toma! Lembro-me assim de mim, de quem os camaradas riam pela assim chamada inocência. E quando você ouve falar da juventude dourada, dos oficiais, dos parisienses! E todos esses senhores e eu, depravados de 30 anos, que tínhamos na alma centenas das condutas mais variadas e horríveis direcionadas às mulheres, quando nós, depravados de 30 anos, entrávamos, bem asseados, lavados, barbeados, perfumados, de roupa limpa, fraque ou uniforme, em uma sala de visitas ou em um baile, éramos um emblema de pureza, um encanto!

Pois pense no que deveria ser e no que de fato é. Deveria ser que, em sociedade, quando um senhor desses se aproxima de minha irmã ou filha, eu, conhecendo sua vida, deveria aproximar-me dele, chamá-lo de lado e dizer, em voz baixa: “Meu querido, afinal eu sei como você vive, como passa a noite e com quem. Não há lugar para você aqui. Aqui há moças puras, inocentes. Saia”. Assim deveria ser; mas o que acontece é que, quando um senhor desses aparece e dança com minha irmã ou filha, enganando-a, regozijamo-nos se ele for rico e com conexões. Se calhar, depois de Rigolboche⁵, ele se ocupe também de minha filha. Ainda que tenham restado alguns traços dos velhos hábitos que não são saudáveis, não importa. Hoje cura-se bem. Sendo assim, conheço algumas moças da alta roda que foram dadas em casamento em êxtase pelos pais a

5 A dançarina e cantora francesa Marguerite Badel (1842-1920) apresentava-se sob esse nome. Posteriormente, o apelido tornou-se uma designação para determinado tipo de intérprete.

sifilíticos. Oh! Oh, torpeza! Mas chegará o tempo em que será denunciada essa torpeza e mentira!

Ele emitiu algumas vezes seus sons estranhos e lançou-se ao chá. O chá estava terrivelmente forte, e não havia água para diluí-lo. Eu sentia que os dois copos que tomara tinham me deixado particularmente agitado. O chá também devia ter efeito sobre ele, pois se tornava cada vez mais desperto. Sua voz tornava-se cada vez mais cantante e expressiva. Mudava sem parar de pose, ora tirava o chapéu, ora punha-o, e seu rosto alterou-se de modo estranho na penumbra em que estávamos sentados.

— Bem, eis como vivi até os 30 anos, sem por um minuto abandonar a intenção de me casar e formar a mais elevada e pura vida doméstica e, com esse objetivo, examinava as moças condizentes com ele — prosseguiu. — Eu me conspurcava no pus da devassidão e, ao mesmo tempo, observava as moças que seriam dignas de mim por sua pureza. Desaprovei muitas delas justo por serem insuficientemente puras para mim; afinal, encontrei aquela que considerei digna de mim. Era uma das duas filhas de um proprietário de terras de Penza, outrora muito rico, porém arruinado.

Certa feita, depois de passearmos de bote, e à noite, à luz do luar, voltando para casa, eu me sentar a seu lado e contemplar sua figura harmoniosa, envolta em jérsei, e seus cachos, decidi de repente que era ela. Pareceu-me naquela noite que ela entendia tudo, tudo que eu sentia e pensava, e que eu sentia e pensava as coisas mais elevadas. Na realidade, aconteceu apenas que a jérsei caía-lhe especialmente bem, assim como os cachos, e, depois do dia passado em sua proximidade, tive vontade de proximidade ainda maior.

Uma coisa espantosa é como é plena a ilusão de que beleza é bondade. Uma mulher bonita fala uma estupidez,

você escuta e não vê estupidez, vê sabedoria. Ela diz, pratica indecências, e você vê algo de gracioso. E quando ela não diz nem uma estupidez nem pratica uma indecência, mas é bonita, você então se convence de que ela é uma maravilha de inteligência e moral.

Voltei para casa em êxtase e decidi que ela estava acima da perfeição moral e que, por isso, era digna de ser minha esposa e, no dia seguinte, fiz a proposta.

Que grande embrulhada! Dos milhares de homens que se casam, não apenas no nosso meio, mas, infelizmente, também no povo, é difícil que exista um que não tenha sido casado umas dez vezes, quando não cem ou mil, antes do matrimônio, como Don Juan. (É verdade que agora existem, eu ouço e observo, jovens puros, sensíveis e que sabem que o tema não é uma piada, mas uma coisa grandiosa. Que Deus os ajude! Mas, na minha época, não havia sequer um desses em 10 mil.) E todos sabem e fingem que não sabem. Em todos os romances são descritos em detalhes os sentimentos dos heróis, os diques, os arbustos pelos quais eles passam; porém, ao descrever seu grande amor por alguma moça, não se escreve nada do que aconteceu com ele, com o herói interessante, antes disso: nenhuma palavra sobre as casas que frequentou, as arrumadeiras, as cozinheiras, as mulheres dos outros. Se há romances indecorosos, eles não são entregues às mãos daquelas que precisariam saber disso em primeiro lugar — as moças. Primeiro fingimos às moças que a dissipação que enche metade da vida de nossas cidades, e até aldeias, não existe em absoluto. Depois, acostumamo-nos tanto a esse fingimento que, por fim, como ingleses, começamos a acreditar com sinceridade que somos pessoas morais e vivemos em um mundo moral. Já as moças, essas, pobres, acreditam nisso totalmente a sério. Assim acreditava também minha infeliz esposa. Lembro-me de como, já noivo, mostrei-lhe

meu diário, pelo qual ela poderia saber pelo menos um pouco de meu passado, principalmente pela última ligação que eu tivera, da qual ela podia ficar sabendo por outros, e que eu, por algum motivo, sentia a necessidade de lhe contar. Lembro-me de seu pânico, desespero e desconcerto quando ela ficou sabendo e entendeu. Vi que ela então quis me abandonar. E por que não me abandonou?!

Ele emitiu seu som, calou-se e tomou mais uns goles de chá.

6 } — Não, aliás, assim é melhor, assim é melhor! — gritou. — Bem feito para mim! Mas a questão não é essa. Eu queria dizer que as enganadas aí, afinal, são apenas as infelizes moças. Já as mães sabem, especialmente as mães, educadas por seus maridos, sabem disso às maravilhas. E fingindo acreditar na pureza dos homens, na realidade agem de forma completamente distinta. Elas sabem com que vara fregar homens para si e para suas filhas.

Pois nós, homens, apenas não sabemos, e não sabemos porque não queremos saber, já as mulheres sabem muito bem que o amor, como o chamamos, mais elevado, poético, depende não de qualidades morais, mas de proximidade física e, ademais, do penteado, da cor, do corte do vestido. Indague a uma coquete experiente, que estabeleceu para si a tarefa de cativar um homem, o que ela preferiria arriscar: na presença daquele que deseja fascinar, ser desmascarada na mentira, crueldade, até libertinagem, ou mostrar-se diante dele de vestido mal costurado e feio — qualquer uma sempre preferirá o primeiro. Ela sabe que nosso semelhante sempre mente sobre os sentimentos elevados — ele precisa apenas do corpo, por isso perdoa qualquer baixeza, mas jamais uma roupa monstruosa, sem gosto, de mau tom. Uma coquete tem plena consciência disso, mas qualquer moça inocente sabe disso inconscientemente, como sabem os animais.

Por isso esses torpes jérseis, esses enchimentos no traseiro, esses ombros, braços, peitos nus, ou quase. As mulheres, em especial as que passaram pela escola masculina, sabem muito bem que as conversas sobre temas elevados são conversas, mas que os homens precisam mesmo é do corpo, e de tudo que o expõe à luz mais atraente; e é isso mesmo que fazem. Pois se apenas pusermos de lado nosso hábito dessa hediondez, que se tornou uma segunda